



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

KANA, FORNADJA Y KUMUNIDAD¹: UM CASO DE ESTUDO DA PRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA CANA SACARINA NA RIBEIRA DOS ENGENHOS (ILHA DE SANTIAGO)

Nireide Pereira Tavares²

RESUMO

O cultivo e a transformação da cana sacarina em Cabo Verde são atividades recorrentes e dilatadas no tempo, a contar desde os primórdios da introdução da planta, até os dias de hoje. Com o objetivo da identificação dos vestígios materiais destas atividades ancestrais, com especial atenção às técnicas, os saberes e os utensílios tradicionais, hoje em desuso, selecionou-se uma área privilegiada para o estudo de caso, a Ribeira dos Engenhos no interior da ilha de Santiago. Apresentam-se os principais resultados dos trabalhos, que permitiram identificar vários sítios e recolher novos dados acerca da distribuição espacial e caracterização destes antigos engenhos tradicionais de transformação da cana, para além das informações orais conexas que permanecem ainda vivas na memória da população.

Palavras-Chave: Cabo Verde; Inventário; Cana sacarina; *Trapiches de boi*; Oralidade.

ABSTRACT

The cultivation and processing of sugar cane in Cape Verde are recurrent activities that span time, starting from the beginning of the introduction of the plant to the present day. With the aim of identifying the material traces of these ancestral activities, with special attention to techniques, knowledge and traditional tools, now in desuse, a privileged area was selected for the case study, the Ribeira dos Engenhos in the interior of the Santiago Island. The main results of the work are presented, which made it possible to identify several sites and collect new data about the spatial distribution and characterization of these old traditional sugarcane processing mills, in addition to the related oral information that still remains alive in the population's memory.

Keywords: Cape Verde; Inventory, Sugar cane; *Trapiches de boi*; Orality.

1. INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO DO TEMA

O estudo aqui apresentado integra uma pesquisa maior no âmbito do projeto de doutoramento da autora, como tal, apresentam-se os dados preliminares sobre a questão em apreço, almejando futuros desenvolvimentos.

A temática à volta da cana sacarina é muito rica por

incluir e estar ligada a elementos de natureza diversa, que acabam por complementar-se. Em Cabo Verde o cultivo e transformação da planta persistiram no tempo, atravessando séculos de forma resiliente com ampla disseminação entre as ilhas agrícolas do arquipélago, ainda que, as atividades fossem, essencialmente, dirigidas ao mercado e ao consumo interno. Por esta razão, constitui um excelente exemplar de uma atividade agroindustrial no mundo rural.

1. Tradução para o português – “Cana, fornalha (espaço de transformação da cana) e comunidade.”

2. Bolseira de Doutoramento da FCT; UNIARQ – Centro de Arqueologia da universidade de Lisboa; CH – Centro de História da universidade de Lisboa / nireidapereira.cv@hotmail.com / nireideptavares@campus.ul.pt

Atualmente, verifica-se o desuso de muitas das práticas agrícolas tradicionais e não só, e nesse tópico estão incluídos alguns hábitos típicos ligados à atividade. Por considerar estes elementos tradicionais significantes, figura-se de grande utilidade e interesse o registo e a documentação das suas particularidades identificativas, de forma, a preservá-las para que não caiam no esquecimento. Para a investigação de campo selecionou-se a região da Ribeira dos Engenhos como estudo de caso, por constituir uma área privilegiada de cultivo, onde existem referências várias sobre atividades da sua transformação, sobretudo, na documentação histórica. Com esta investigação, procura-se, especificamente, identificar na região os vestígios materiais desta atividade ancestral, perceber a sua distribuição e implantação espacial, a organização dos espaços de trabalho e compreender melhor a sua dimensão, bem como a sua relação com as comunidades locais, razão pela qual recorre-se aos dados das fontes orais. No fundo, o trabalho em curso tem o propósito principal de contribuir para um maior conhecimento e aprimoramento da arqueologia em Cabo Verde, para esse fim, abre espaço ao estudo de outras realidades arqueológicas, como o caso em análise, uma temática integrante da identidade nacional. Igualmente pretende auxiliar no fortalecimento das bases para a criação de estratégias de salvaguarda destas memórias, que correm o risco de perder na paisagem, mas, que têm o seu valor patrimonial e identitário.

2. ENQUADRAMENTO DA CANA SACARINA NA HISTORIOGRAFIA DE CABO VERDE

Desde os primórdios da ocupação das ilhas, temos notícias da existência da cana-de-açúcar, concretamente, a partir dos finais do séc. XV e inícios do séc. XVI, na ilha de Santiago. A cana que é originária do sueste asiático, chegou à Cabo Verde no contexto das dinâmicas dos produtos que circulavam pelo atlântico e foi introduzida pelos portugueses, com plantas vindas da ilha da Madeira. Estes, viram no seu rendimento uma forma eficaz de manutenção do grande engajamento nos descobrimentos, sendo assim, à medida que expandiam para o sul, onde existiam condições climáticas mais compatíveis com o desenvolvimento da planta, e à medida que descobriam novas terras, tentavam aclimatar a cana, como aconteceu em Cabo Verde. Apesar de ter sido introduzida precocemente, não teve um desenvolvimento

considerável em comparação com a ilha da Madeira, Brasil ou São Tomé por exemplo, logo, não ocasionou uma quantidade produtiva que provocasse a sua exportação em grande escala, porém, a nível interno foi significativa. A plantação da cana (*Saccharum officinarum*) era feita por sistema de regadio e sempre em zonas das ribeiras, por serem mais férteis, constituídas por terras de aluvião e mais abundantes em água, fator decisivo para o bom desenvolvimento da planta. Desse modo, regista-se a sua maior expansão nas ilhas mais agrícolas do arquipélago: Santo Antão, São Nicolau, Santiago e Brava e de forma residual na ilha do Maio, com algumas variedades, cada qual com a sua característica. As técnicas utilizadas no processo de cultivo e transformação eram rudimentares. Tinham como principais derivados o açúcar mascavado, também denominado de “açúcar preto” ou “*sukri di téra*”³ (Fig. 1), a aguardente, vulgarmente denominada de *grogue*, e o mel.

Numa fase inicial, houve um maior volume de produção do açúcar mascavado, que desapareceu com o tempo, contudo a produção de aguardente incrementou-se até os dias de hoje. Os produtos referidos não tinham grande qualidade e eram consumidos maioritariamente, pela população local. Registam-se diminutas referências sobre a exportação do açúcar mascavado, as poucas existentes destinavam-se para zonas de consumidores menos exigentes. A aguardente constituiu uma bebida muito apreciada pelos locais e um incentivo eficiente para os fazer trabalhar. Da mesma forma, tinha alguma popularidade na costa ocidental africana, tornando-se numa mercadoria preciosa nas trocas comerciais dos tratos nos rios da Guiné. Serviu, igualmente, como meio de pagamento e chegou a ser exportada em quantidades consideráveis, tanto que, existem registos para o final do séc. XVII de cobranças de impostos sobre a exportação da mesma. Por outro lado, alguns membros da elite local importavam tanto o açúcar, como a aguardente e também licores de melhor qualidade, para o seu gosto e consumo. A cultura da cana em Cabo Verde caracteriza-se por ser uma cultura de quintal, essencialmente, voltada ao consumo doméstico e a subsistência da população local, na maioria dos casos ligados a trabalhos de pequenos produtores, em pequenas propriedades familiares (Magalhães, 2009, p. 172; Torrão, 2012; Brásio, 1968, p. 159; Chelmicki, 1841, p. 6, 14, 38, 78, 153; Lima, 1844, p. 16, 107;

3. “Sukri di téra” [Açúcar da terra em português]

Valdez, 1864, p. 136; Carreira, 1982, p. 237-267).

Relativamente à questão da aguardente, importa ainda realçar que o seu apreço é algo que manteve intacto até os dias de hoje, tornando-se num elemento simbólico na cultura nacional.

Tradicionalmente, os espaços de transformação da cana eram constituídos por elementos distintos. Basicamente: o trapiche (moinho para a prensa da cana sacarina), o alambique (equipamento utilizado para a destilação da aguardente), tachos (para produção do mel e do açúcar), e armazéns para conservar os produtos, para além, de outros utensílios necessários nas tarefas (Fig.2 e Fig. 3). Nesses espaços, o trapiche normalmente ocupava a parte central. Numa fase inicial, todas as suas peças eram feitas de madeira por especialistas locais, posteriormente, difundiram-se os trapiches com cilindro de ferro provenientes, essencialmente, de Portugal, mas também, dos Estados Unidos da América através do comércio marítimo. Por isso, identificam-se tanto na documentação como no terreno, diferentes tipologias e marcas, entre os de cilindros horizontais e verticais, sendo a marca *Massarellos* (Porto-Portugal) a mais difundida de todas. Tradicionalmente estes trapiches tinham nos animais a sua força motriz, isto é, eram movidos, essencialmente, por bois. A denominação destes espaços de transformação da cana varia entre as ilhas, encontrando-se termos como: “*fornadja*”, “*terreiro de trapiche*” e “*curral de trapiche*”.

Nos inícios do séc. XX surgiram algumas deliberações legislativas destinadas à regulamentação desses estabelecimentos, nomeadamente, a exigência da licença de laboração mediante o cumprimento das condições estabelecidas, questões relacionadas com as formas de fabrico, com o consumo e a comercialização. Por outro lado, existia a situação do registo de muitos casos de acidentes nos trapiches, principalmente, nos de cilindros de madeira, que culminou na criação da portaria que proibiu a sua utilização na província (portaria nº 297, de 27 de novembro de 1908, Boletim Oficial nº 48), e a sua substituição pelos trapiches de cilindros de ferro, com a obrigação da utilização de guarda-mão⁴.

Para esse período temos duas referências distintas nas documentações, relativamente ao número de estabelecimentos existentes no país. Primeiramente, Armando Fonseca (1949, p. 19) refere a

existência de cerca de 515 “*oficinas de preparação do açúcar*” em todo arquipélago. Porém, nos arquivos da Secretaria Geral do Governo (Arquivo Histórico Nacional) e dados publicados nos Boletins Oficiais, para o período de 1908 e 1909, registam cerca de 322 estabelecimentos destinados ao fabrico da aguardente, açúcar e melaço, referentes aos pedidos de licenças de laboração das ilhas de Santo Antão, São Nicolau, Santiago e Brava.

Nestes registos figuram, maioritariamente proprietários de sexo masculino, mas, existem um total de 22 mulheres proprietárias, na condição de viúvas na sua maioria, entretanto, temos algumas solteiras. Esses proprietários, certamente, tinham algum poder económico que lhes permitissem a aquisição dos equipamentos e manutenção dos estabelecimentos, que utilizavam tanto para o seu próprio uso e sustento, como também alugavam aos produtores que não tinham equipamentos de trabalho, mediante o pagamento da *quinta*⁵. O séc. XX foi marcado por algumas tentativas governamentais de regulamentar o cultivo da cana-de-açúcar, por um lado, para o controle do alcoolismo que era crescente e influía na saúde pública, e ao mesmo tempo, estimular a população local a produzir culturas com maiores rentabilizações (Amaral, 1964, p. 283).

No geral, a atividade à volta da cana foi muito difundida existindo até profissionais especializados nos trabalhos nessas pequenas indústrias domésticas, como o caso dos “*carpinteiros de trapiches*”, “*escravos mestres de açúcar*” e “*trapicheiros*”. A tradição do cultivo da cana foi mantida, ao longo do tempo, ocupando os terrenos mais férteis das ilhas, sobretudo para suportar a produção da aguardente. Com a introdução de novos equipamentos motorizados (trapiche de motor), e novas técnicas de fabrico, os trapiches tradicionais movidos por animais deixaram de ser utilizados. O desuso de alguns equipamentos e mesmo a falta da prática das técnicas tradicionais contribuem para o esquecimento e mesmo a perda desses elementos, por isso, a necessidade e a pertinência da pesquisa, identificação, descrição e salvaguarda.

A temática à volta da cana transcende os limites da produção, transformação, consumo e comércio, as suas marcas são observáveis em vários elementos socioculturais dentro das comunidades locais, subsistindo todo um imaginário à sua volta e a dos

4. Objeto afixado na frente dos cilindros dos trapiches para proteger as mãos, durante o trabalho da prensa.

5. Despesa paga aos proprietários para a utilização dos equipamentos nos estabelecimentos.

terreiros de trapiches. Identificam-se os seus traços nas tradições orais, nos topónimos locais, na literatura, na música, os seus produtos são utilizados de diferentes formas na gastronomia nacional, ou seja, constituem um conjunto de aspetos que permaneceram na memória coletiva nacional. Desses elementos, destaque para as *cantigas de curral de trapiche*, que são melopeias de fundo nostálgico, que serviam para encorajar o trabalho, geralmente, entoadado durante a empreitada da prensa da cana, pelo indivíduo que vigiava e ia atrás dos bois enquanto moviam circularmente no trapiche. Registavam-se essencialmente na ilha de Santo Antão, vulgo conhecidas por *Kolá-Boi* (Osório 1980, p. 55-61).

2.1. Ribeira dos Engenhos

Como referido, os canaviais localizavam-se perto das ribeiras e existiam com maior profusão nas ilhas agrícolas. A ilha de Santiago não foge à regra, com muitas ribeiras no seu interior e muitas das quais desaguam no litoral. Estas ribeiras eram grandes atrativos populacionais.

Num estudo realizado por M. Torrão (2012), em que um dos objetivos, para além, da contextualização do cultivo da cana-de-açúcar em Cabo Verde, era tentar identificar os terrenos concretos onde esta se cultivava, de forma cruzada com os dados cartográficos, foi possível verificar para a ilha de Santiago uma particularidade comum na maioria das cartografias antigas, a existência de uma ribeira de nome “Ribeira dos Engenhos”, que desagua na Várzea dos Engenhos na região oeste da ilha (Fig. 4).

Para a mesma região que chama atenção pelo topónimo da ribeira, A. Silva (1995, pp. 302.303) afirma o seguinte: “... *Esta é precisamente uma das zonas onde para o século XVI, está registada a existência de uma das fazendas mais ricas no cultivo e produção de açúcar. A ribeira de Águas Belas, onde se instala a Fazenda dos Mosquitos passa a ser designada por Ribeira dos Engenhos pelo facto de haver aí estes instrumentos de transformação da cana sacarina em açúcar.*”

Estas referências históricas, cartográficas e toponímicas foram fundamentais para a escolha da área como estudo de caso. A região da Ribeira dos Engenhos encontra-se localizada na cidade de Santa Catarina (interior da ilha de Santiago), no sopé da maior elevação da ilha, denominada de Pico da Antónia e dentro da bacia hidrográfica de Águas Belas. Todo o curso da água do respetivo pico e do planalto de Santa Catarina desaguam na referida ribeira,

o que contribui para a sua fertilidade e para o fortalecimento das culturas de sequeiro e de regadio.

3. TRABALHOS DE CAMPO

Para a investigação utilizou-se um programa de trabalho interdisciplinar que articula as metodologias arqueológicas, históricas e das ciências geográficas. Concretamente, prospeções arqueológicas na da Ribeira dos Engenhos com recurso aos sistemas de informação geográfica, a recolha da memória oral em torno da temática, para além da análise exaustiva da documentação histórica, cartográfica, toponímica, iconográfica e demais informações complementares. Atualmente, existem algumas comunidades praticantes, ainda, que não da forma, puramente, tradicional, mas, são comunidades herdeiras e lembram da prática das atividades, por esse motivo, procedeu-se com alguma observação etnográfica, em torno delas. Paralelamente, a realização de pesquisas acerca da cultura material relativa, em museus (Museu etnográfico da Praia, Museu de Arqueologia), com a revisão de algumas coleções de escavações arqueológicas terrestres e subaquáticas. No campo, procedeu-se com trabalhos de prospeção de superfície, subordinado ao tema, portanto, podemos considerar a prospeção realizada como temática, e com prioridade no registo e georreferenciação dos antigos estabelecimentos de transformação da cana sacarina, que utilizavam trapiches de boi (conhecidos na ilha por “*fornadja*”). Igualmente, o registo de todos os dados arqueológicos identificados, ligados à temática, independentemente, da sua cronologia. Importa realçar um dado importante, os trabalhos de campo decorreram na época seca do ano, de modo que, não havia água nas ribeiras, áreas que receberam maior atenção durante a prospeção. Nesse período, foi mais fácil a nível da visibilidade de terreno pela pouca e quase inexistência da cobertura vegetal, e mesmo na questão da facilitação do acesso aos sítios. Para a região não existe qualquer tipo de trabalho a nível da arqueologia, de modo que, serve este trabalho, constitui um contributo para o conhecimento arqueológico da área.

3.1. Prospeções Arqueológica

No planeamento inicial dos trabalhos de prospeção na região da Ribeira dos Engenhos (Fig.5), foi estipulado as pesquisas no interior da bacia hidrográfica, mas, com o avançar dos trabalhos decidiu-se observar

como a informação se processa tanto a norte como a sul da referida bacia. Assim durante as prospeções foi possível identificar um total de 34, sítios com vestígios de utilização dos equipamentos tradicionais (trapiches de boi) dentro da área de prospeção referida, dos quais (19 localizam-se dentro da bacia, 9 a norte e 6 a sul) (Fig.6).

A maioria dos sítios identificados localizam-se na zona mais adentro da área de estudo, e apenas dois casos, na desembocadura da ribeira para o litoral (Ribeira do Charco). A nível da implantação espacial encontram-se todos nas margens das ribeiras ou em áreas contíguas a pequenos cursos de águas, na época das chuvas. Esta constatação vai de encontro com o padrão de implantação descrito na documentação histórica e mesmo dos dados das fontes orais, devido à proximidade da água que é essencial para os trabalhos, tanto do cultivo como da transformação. Os sítios foram descritos nas fichas de prospeção e inventário previamente estabelecidos. Foram todos classificados na categoria tipológica de Estruturas Fabris e Artesanais, por estarem ligadas à produção e à transformação da matéria-prima, no caso a cana-de-açúcar. Porém, existe um caso onde as estruturas de transformação estão associadas a uma casa senhorial dentro de uma grande propriedade, nesse caso teve uma classificação diferente por estar associada a um espaço doméstico, portanto, estrutura de cariz residencial. Alguns dos sítios identificados, apesar de conservar alguns equipamentos caracteristicamente tradicionais, adaptaram às exigências atuais dos estabelecimentos de transformação da cana, desse modo, encontram-se mais bem conservados, exceto os seus equipamentos tradicionais, por falta de uso. No geral, a maioria dos sítios encontra-se num estado de abandono com os elementos constituintes a degradar-se e traços a perder na paisagem.

Não foi possível estabelecer uma cronologia exata dos sítios georreferenciados, porém, pelas características observadas, aparentam ser sítios com longa cronologia de ocupação, que foram sendo renovados e readaptados ao longo do tempo. Existem alguns casos de sítios que utilizaram recentemente os trapiches tradicionais de bois. A nível da organização dos espaços de transformação (*"Fornadja"*), todos possuíam os equipamentos considerados básicos para os trabalhos: trapiche, alambique, tacho e armazém, mas, cada sítio tem a sua particularidade, podendo integrar outros elementos e estruturas

complementares (Fig. 7 e Fig.8). Muitos dos espaços de implantação dos sítios, localizam-se em terrenos declinados, onde são evidentes os trabalhos de nivelção para facilitar os processos. As áreas à volta dos trapiches tendem a ser circulares, por causa, dos movimentos também circulares dos bois, no momento da prensa da cana. Para a construção dos fornos de alambique e de tacho, recorriam-se a profissionais (pedreiros) locais, que utilizavam grande parte das matérias-primas adquiridas localmente.

Dos dados observados e registados no terreno, há um facto que chama atenção, a maioria dos sítios apresentam traços ligados à sacralização dos espaços de trabalho, representados por imagens, inscrições, pequenos altares, feitos propositadamente dentro do espaço ou mesmo nos equipamentos, que conotam relação com o divino. Estes elementos registam-se sobretudo nas armações dos trapiches, e estas marcas remetem para as fases de restauro e manutenção dos equipamentos e mesmo dos estabelecimentos (Fig. 9).

Sobre o significado destes elementos, afirma sr. Nuno Freire⁶, que estas práticas estão relacionadas com a fé dos donos dos estabelecimentos, e servem essencialmente para evitar males, invocar a proteção divina e a prosperidade nos trabalhos e negócios.

3.2. Memória oral, observação etnográfica (complemento)

O conhecimento e a preservação dos saberes e das tradições orais são essenciais na perpetuação do património imaterial, que está diretamente ligado ao homem que o cria e pratica, além do mais, proporcionam uma imagem mais clara do passado e são excelentes meios de transmissão de histórias e memórias entre gerações.

Desde o planeamento do projeto, que a análise e a recolha das fontes orais foram determinadas como estratégias essenciais na reunião das informações sobre a temática da cana, especialmente, na área selecionada para o estudo de caso, que é um espaço rural cheio de histórias, onde a agricultura constitui o principal ramo de trabalho dos seus habitantes. Na área ainda existem pessoas que praticam em parte as atividades, ainda que, sobre novos preceitos. Desse modo, revelou-se importante nas pesquisas o estudo destas fontes e o registo destas memórias e

6. Sr. Nuno Freire – antigo armador de trapiche da localidade dos Picos (interior da ilha de Santiago).

saberes, que também correm o risco iminente de se perderem, por falta de uso e falta de novos entusiastas. As recolhas decorreram por meio de entrevistas a um grupo variado de pessoas, cerca de 3 dezenas, que têm ou tiveram alguma espécie de ligação às atividades e proximidades com a área de estudo. As entrevistas foram semiestruturadas com algumas perguntas guias, mas, não obedeceram a uma ordem específica, sendo na sua maioria conversas amigáveis na língua crioula, de forma a tirar maior proveito e informação possível dos informantes.

Nesse projeto, a análise das fontes orais foi um complemento muito importante, por permitir o contacto com a comunidade local e acesso a muitas informações provenientes do ponto de vista interno. No geral, a população local caracteriza-se pela sua dedicação ao trabalho, viam na agricultura, na criação de gado e nas atividades delas decorrentes, como suas principais formas de sustento. São sobretudo resilientes e esperançosos na *Chuva Amiga*, como a garantia de bom ano agrícola e consequentemente, sua satisfação e realização plena. A aprendizagem dos ofícios decorria desde tenra idade através dos antepassados mais experientes e através de trocas de saberes entre si, que transmitiam, posteriormente aos mais novos, sendo naturalmente pessoas habilidosas e de fácil aprendizado. Muitas vezes estes ofícios nasciam no seio familiar e eram delegados entre gerações. Porém, atualmente a situação é diferente, estes centros rurais tornaram-se poucos atrativos para as camadas mais jovens.

A cana era aproveitada de forma intensiva e na sua totalidade: quando recolhidas e limpas, as folhas destinavam à cobertura das casas e ao pasto dos animais, depois da prensa e extração do suco, o bagaço era utilizado para alimentar o fogo dos fornos dos alambiques e tachos de cobre. Antigamente, apesar das técnicas utilizadas serem rudimentares, proviam derivados mais saudáveis, porque toda a matéria-prima utilizada no processo era natural o que também influía na saúde da população, e não havia muitas doenças como atualmente. Por outro lado, registava-se a ligação com outros ofícios, como a olaria através do provimento de formas de açúcar, (Fig.10), a carpintaria e a serralharia na construção das bases, armações e mesmo equipamentos, para além do comércio local, nacional e mesmo internacional, sendo este último pouco expressivo.

Os trabalhos no campo em torno da cana eram meios de sustento dos praticantes, mas também, serviam

para ajudar os vizinhos e os mais necessitados. Nestes, para além do ofício em si, havia espaços para a criação de vínculos de amizade e companheirismo, através de trocas e transmissões de conhecimentos e saberes. Muitas vezes, decorriam dentro do sistema de entreajuda em forma de mutirões de trabalho, que era comum nessas comunidades, conhecida em crioulo por “*Djunta-mô*”, outra característica social que também se está a perder. Todos são unânimes em apontar a escassez de água (falta de chuva) como a causa principal do declínio da atividade e abandono de muitos dos sítios e equipamentos tradicionais, para além do surgimento de novas técnicas e maquinarias.

4. BREVES CONSIDERAÇÕES

Com esta investigação pode-se verificar a pluralidade de aspetos e elementos constituintes da temática à volta da cana de cana-de-açúcar em Cabo Verde, que carece ainda de maiores aprofundamentos. A nível de investigação de campo e registo, importa realçar que tanto na ilha de Santiago como nas outras agrícolas é possível registar mais vestígios de estruturas de cultivo, estabelecimentos de transformação e estruturas auxiliares, por esse motivo, a abrangência de outras áreas podem contribuir para a aquisição de outros e novos dados que facilitariam a caracterização e compreensão da dinâmica à volta da cana. Desse modo, este trabalho representa um pequeno contributo no estudo deste tema que também é pertinente para a história nacional. Os contactos com as comunidades locais são relevantes, por permitirem o acesso a diversos aspetos tradicionais particulares e identificativos, e sobretudo, porque as memórias das pessoas estão altamente ligadas aos lugares onde viveram, passaram e realizaram atividades, de modo que, se recomenda o aproveitamento destas valências onde ainda é possível recolher e registar. Com isso, espera-se futuramente o desenvolvimento de outros projetos de estudo envolvendo outras realidades e temáticas igualmente necessárias.

BIBLIOGRAFIAS

AMARAL, Ilídio do (1964) – Santiago de Cabo Verde, A terra e os homens. Lisboa: Memórias da Junta de investigação do ultramar, nº 48 2ª série, (1964), p. 444.

BRÁSIO, Anónio (1963) – Monumenta Missionária Africana. 2ª série, II volume, Lisboa, Agência Geral do Ultramar.

CARREIRA, António (1982) – Estudos de economia caboverdiana. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

CHELMICHI, José C. C. de (1841) – Corografia cabo-verdiana ou Descrição GeográficoHistórica da Província das ilhas de Cabo Verde e Guiné. Tomo I. Lisboa: typografia de L. C. da Cunha, p. 304.

FERRÃO, José E. M. (1992) – A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses. Lisboa: Inst. de Investigação Científica Tropical.

FONSECA, Armando X. (1949) – Deve-se acabar-se com a cultura de cana de açúcar em Cabo Verde ou produzir, antes, açúcar?” BPI, ano I nº 3. pp. 19-20.

LIMA, José J. L. de (1844) – Ensaio e estatísticas das possessões portuguesas na Africa Occidental e Oriental; na Asia Occidental; na China, e na oceania. Lisboa: Imprensa Nacional, I parte pp. 1-127, II parte pp. 1-81.

MAGALHÃES, Joaquim R. (2009) – O açúcar nas ilhas portuguesas do Atlântico séculos XV e XVI. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 25, nº 41: pp. 151-175, jan/jun 2009.

OSÓRIO, Oswaldo (1980) – Cantigas de Trabalho: Tradições Oraís de Cabo Verde. Comissão Nacional para as Comemorações do 5º Aniversário da Independência de Cabo Verde, Sub-Comissão para a Cultura.

SILVA, António L. C. e (1995) – A Sociedade agrária gentes das águas: Senhores Escravos e Foros. In *História Geral de Cabo Verde*. Vol. II. ALBURQUERQUE, L. de; SANTOS, M. E. M. (Eds.). Lisboa e Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, pp. 275-357.

TORRÃO, Maria M. F. (2012) – Doces grãos e líquido espiritualizante: cana, açúcar e aguardente nas ilhas de cabo Verde. *Ideias feitas e realidades documentais” Atas do Colóquio Internacional Cabo Verde e Guiné Bissau: Percursos do saber e da ciência*. IICT.

TAVARES, Nireide P. (2007) – Inventário arqueológico de Cabo Verde contributo para uma ferramenta de gestão e valorização do património cultural. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a orientação de Dra. Mariana Diniz e Dra. Maria Manuel Torrão, Vol. I 161p; VOL. II. 97 p.

VALDEZ, José T. (1864) – Africa Occidental. Notícias e Considerações. Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 105-264.



Figura 1 – “*Sukri di téra*” – bolo de açúcar mascavado envolvido em folhas de bananeira – séc. XX (Foto: Matriz.net – Museu Nacional de Etnologia).



Figura 2 – Trapiche para prensa da cana (Ribeira Brava – ilha de São Nicolau) / (Foto: D. Baxter, 1980).

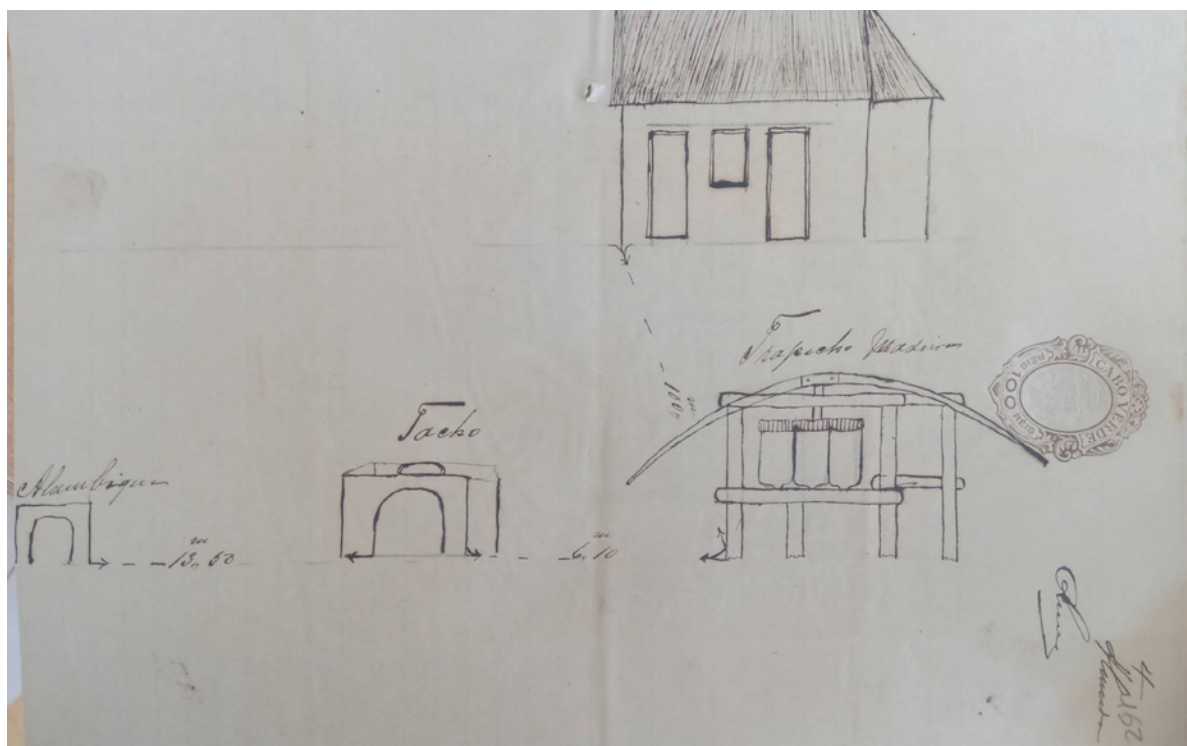


Figura 3 – Planta de estabelecimento de transformação da cana sacarina (Freguesia de Santa Catarina – 1908) (AHN, SGG, CX 439).

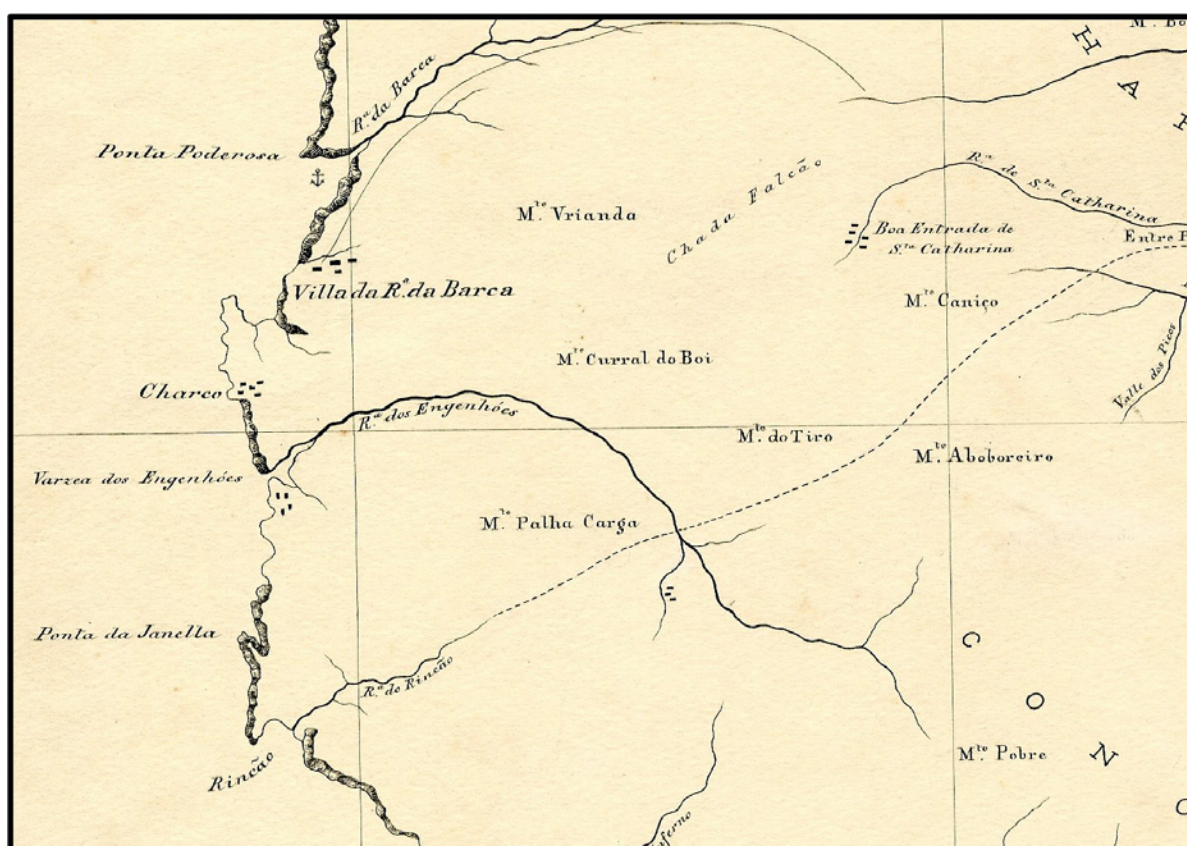


Figura 4 – Esboço da carta da ilha de Santiago com realce para a Ribeira dos Engenheiros e Várzea dos Engenheiros (1890 – IICT, Cartoteca, Pasta 26, ilha de Santiago, 12).

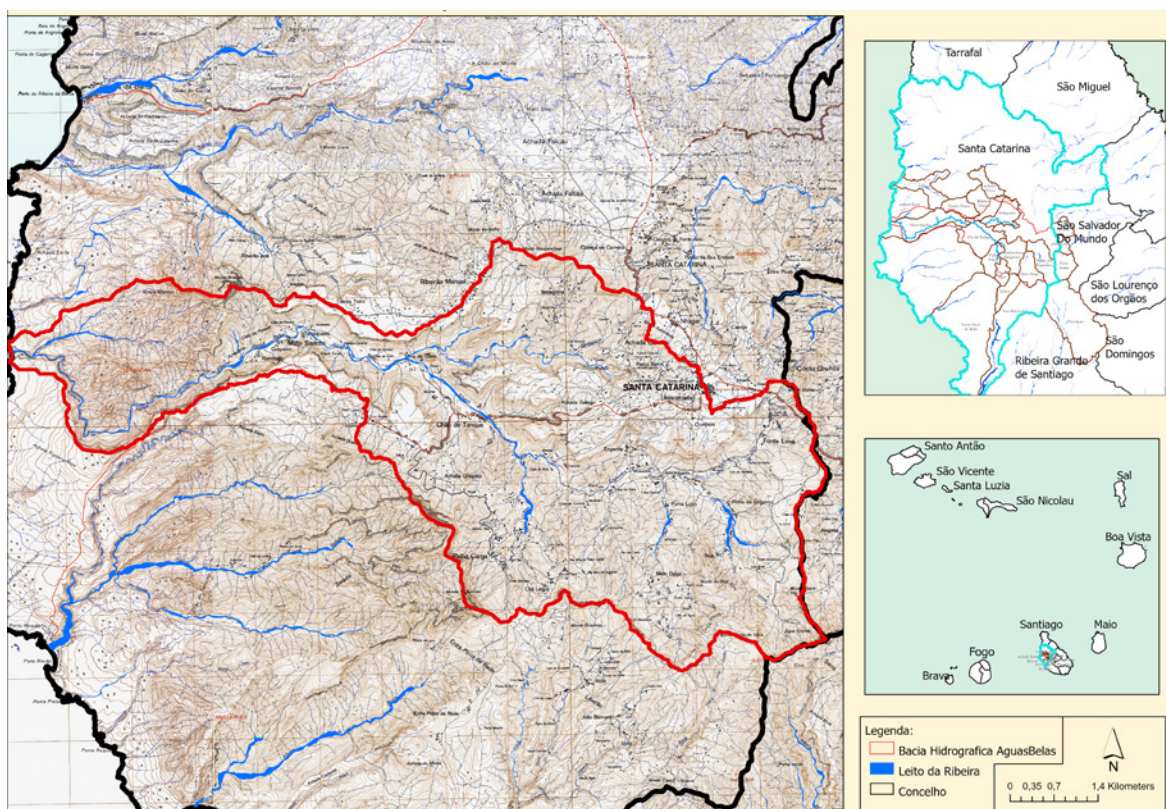


Figura 5 – Mapa de enquadramento da área de estudo com realce para a bacia hidrográfica de Águas Belas.

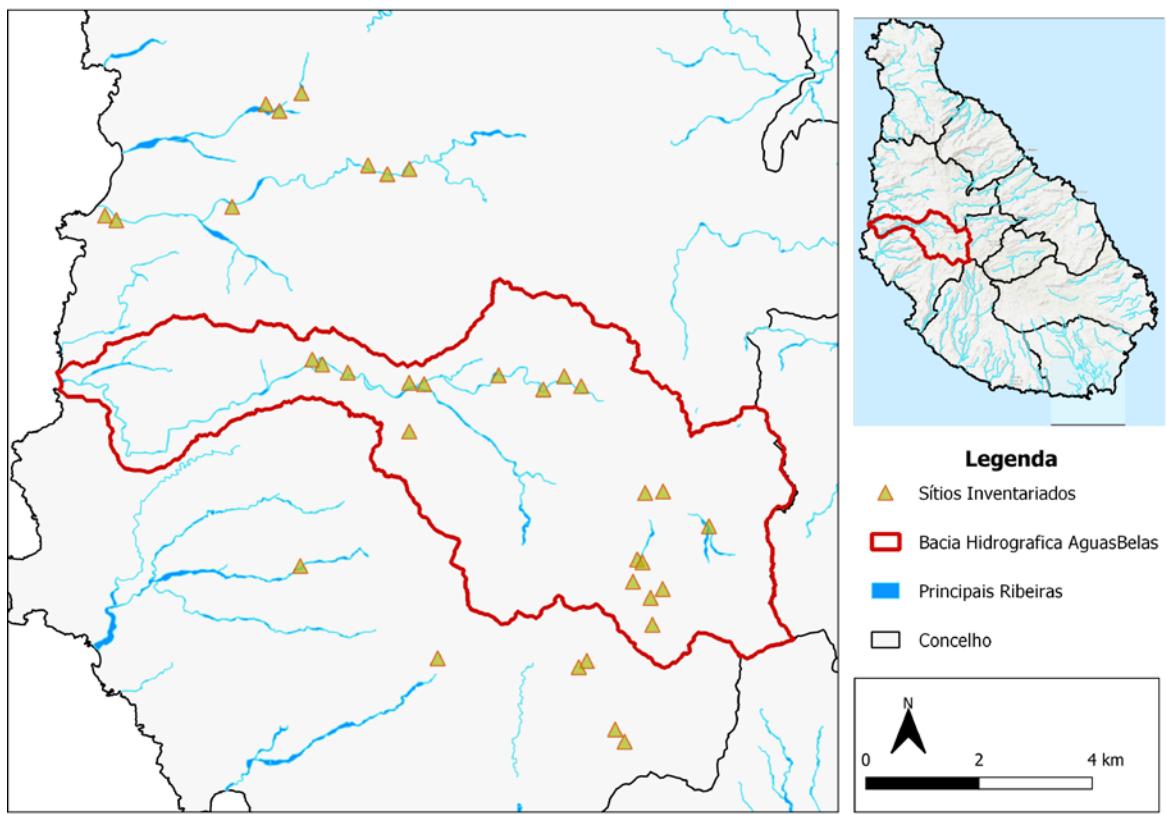


Figura 6 – Distribuição dos sítios inventariados na região da Ribeira dos Engenhos.



Figura 7 - Trapiche com cilindro de ferro no sítio João Bernardo 1 - (Foto: N. Tavares).



Figura 8 - Pipa de madeira no sítio de João Gago 2 (Foto N. Tavares).



Figura 9 – Detalhe da inscrição na armação do trapiche do sítios João Gago 2 (“*A Deus que ajuda 19-1-1999*”) (Foto N. Tavares).



Figura 10 – Oleira da localidade de Fonte Lima (cidade da Assomada) modelando uma forma de açúcar. (Foto. N. Tavares).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**